

VASCO PINTO DE MAGALHÃES, SJ

Onde há crise, *há esperança*

Um pensamento por dia:
ver em tudo o que acontece
uma oportunidade de crescimento

Desenhos de
Vasco Pinto de Magalhães, sj

6.^a EDIÇÃO



EDITORIAL AO

Capa

Miguel A. Rodrigues

Grafismo

Atelier Mam Design/Madalena Azevedo Mendes

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

540686/24

ISBN

978-972-39-1006-3

1.ª edição

Dezembro de 2008

6.ª edição

(2.ª edição na Editorial AO)

Dezembro de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@snao.pt

Manual de instruções
(Prefácio à 1.^a edição)

Nuno Tovar de Lemos, sj

O editor e o autor pediram-me para escrever um prefácio. Mas este livro não precisa de prefácio pois fala por si mesmo e o autor, o padre Vasco Pinto de Magalhães, dispensa apresentações já que é sobejamente conhecido do público, seja pelos seus anteriores livros, seja pelas suas crónicas na Rádio Renascença, das quais foram retirados os pensamentos aqui contidos, na sua grande maioria.

Do que este livro precisa – e muito – é de um manual de instruções pois, embora seja fácil lê-lo, não é fácil lê-lo bem, lê-lo de modo a tirar dele tudo o que ele tem para dar. Aqui vão algumas dessas instruções, que ninguém me pediu que desse mas que eu daria, se mas tivessem pedido:

1. Não leia o livro de seguida, de um só fôlego, nem que esteja em férias e tenha todo o tempo do mundo. Nem que esteja tão interessado que não consiga parar de o ler. Leia-o devagarinho, aos bocados, talvez um parágrafo de cada vez. Como quem faz render uma garrafa de aguardente velha ou uma caixa de bombons suíços. A sofreguidão impedi-lo-ia de entender o que aqui vai escrito e condená-lo-ia a ficar pela rama. Nem sequer precisa de o ler de seguida pois este livro não tem princípio nem fim, é como um saco de rifas. Pode até ser aberto ao calhas, mas sempre de vez em quando.

2. Não o leia para se evadir momentaneamente dos acontecimentos concretos da sua vida e dos pensamentos repetidos do seu dia a dia. Porque este livro não lhe apresenta um mundo novo mas o seu mundo visto de novo. Enquanto lê, vá-se perguntando «o que é que isto tem a ver comigo?». Cada capítulo é como uma prateleira cheia de óculos, com os quais pode ler, de outro modo, as histórias da sua vida. Leia-o, por exemplo, ao fim do dia, junto à cama, enquanto surgem as imagens e os sentimentos do dia que passou. Ou a meio do dia, apanhando a vida de surpresa, sobretudo quando ela está de costas. Afinal foi assim que nasceu o livro: de palavras ouvidas na rádio, a meio do dia, enquanto íamos de carro ou preparávamos um café.

3. Se concorda com tudo o que o autor escreve, então volte atrás porque – provavelmente – não percebeu o que ele queria dizer. Não percebeu ou, então, ao ler, foi vítima de uma amnésia que o fez esquecer, temporariamente, o que realmente pensava. Leia de mangas arregaçadas, pronto para lutar com o que vê escrito. Insurja-se, discuta com o autor ou consigo mesmo, faça greve por uns tempos, mas não aceite sem espírito crítico o que aqui vem escrito. Por exemplo: «A liberdade é a capacidade de se decidir pelo bem maior». Será? Então não é a possibilidade de decidirmos para onde queremos ir? A luta pode começar logo pelo título: «Onde há crise, há esperança». Concorde com isto?

4. Sugiro ao leitor que leia este livro de mangas arregaçadas mas também – e esta conjugação é que é difícil – com a humildade de quem se senta nos bancos da

escola e se dispõe a aprender tudo como se fosse a primeira vez. Porque o padre Vasco questiona o básico, começando pelos significados de palavras que sempre usámos, tais como «alegria», «respeito», «felicidade»... Vai ao grego ou ao latim e volta à vida. «Alegria vem de uma palavra latina “*alacre*”, que significa estar vivo, animado». «Respeito é uma palavra bonita, que significa “olhar de frente”». Ensina-nos a fazermos distinções: «apetecer» não é o mesmo que «querer»; nem «gostar de si» é o mesmo que «sentir-se bem». Na escola elementar que o autor propõe devia até «haver ensino prático de poder de encaixe»!

Obrigado ao padre Vasco e à Tenacitas por mais esta obra!

Porto, 22 de novembro de 2008

Pensar e fazer pensar...

Vasco Pinto de Magalhães, sj

Pensar e fazer pensar...

Gostava de o fazer com humor e amor, sem perder a capacidade de me indignar, sem deixar de denunciar.

Porque somos, tantas vezes, pássaros feridos e perdidos, prontos a ferir e a perder, é preciso um denunciar que seja prelúdio de um anúncio. Pois o mesmo dedo que se põe na ferida deve apontar o caminho da cura.

Num mundo em crise, nada é mais necessário. Necessário e urgente se a maior crise é, como penso, uma crise de pensamento a boiar em consciência morna.

De quantos modos se empenha o mundo em dizer às novas gerações que se deixem de relações que são ralações e que a felicidade deve estar aquém do pensar e do procurar o seu lugar? Dizem-lhes: está no indivíduo que se impõe porque comanda o seu monitor e exige o direito de fazer como lhe convém.

Assim desliza a crise no seu plano inclinado até acender a luz encarnada. Há perigo. Mas também há oportunidade de arrepiar caminho.

Na crise, as dores e o conflito são um sinal. Um sino que nos acorda e chama a rever percursos; como um novo apelo à consciência, para que desperte em nós o desejo de nascer de novo.

Se tocam os sinos, se se sente a crise, é porque um capítulo se esgotou. Mas o livro continua.

Onde há crise, há esperança.

É a própria crise que diz: perdido um caminho, reencontra o caminho!

Mas aí de quem queira «salvar» a crise com remendos. Pode-se salvar um casamento, uma escola, um emprego, por exemplo, mas não sem uma corajosa e inteligente mudança de atitude, pelo menos de uma das partes, para começar.

Preguiça e presunção são os enganos que podem impedir de o fazer.

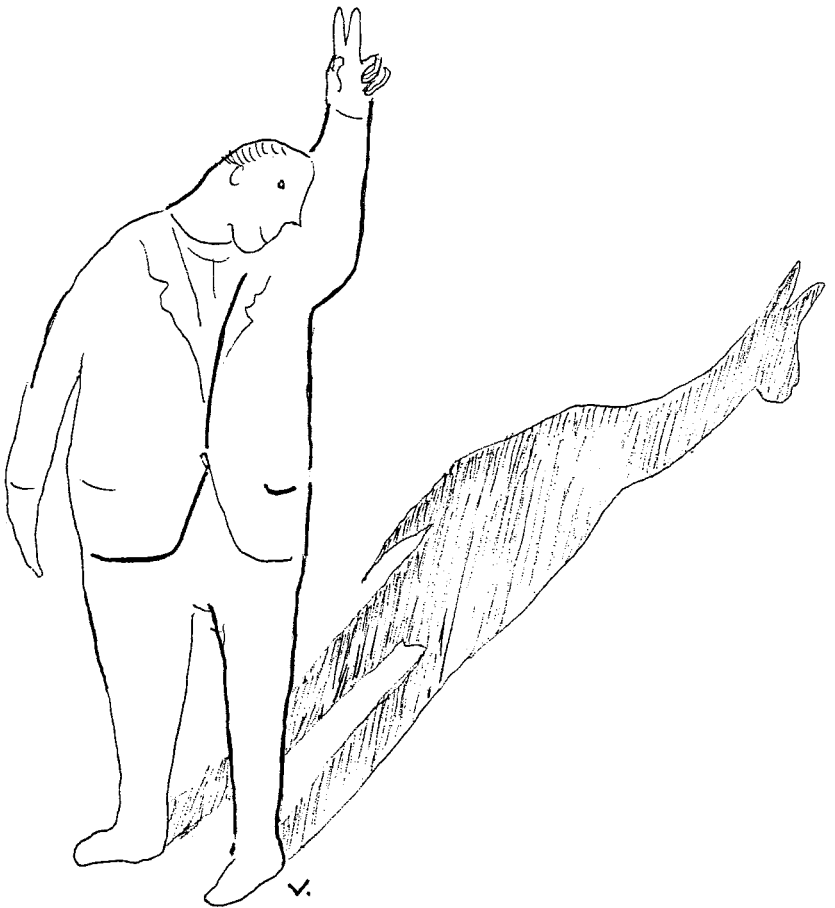
Devíamos olhar bem a sombra que fazemos, a figura que fazemos; teríamos surpresas!

Todas as crises nos podem ensinar, mas há algumas que são especialmente fecundas, pois, não vindo do nosso errar, fazem parte da evolução. Quando se está a chegar ao fim de uma etapa, sente-se o tremor e, às vezes, o estertor de passar à seguinte.

São crises de crescimento. Assim é na passagem da infância à adolescência e daí aos vários graus da maturidade; bem como na passagem de quem está fechado em si para vir a ser alguém espiritual e social.

Então, ganhando distância e perspectiva, se vê que o tremor da terra já não é apenas o dedo de Deus a limpar as feridas, mas Ele mesmo, sorrindo, a fazer cócegas ao mundo para o despertar e o fazer girar.

30 de novembro de 2008



I

Educar o olhar



∞ 1 jan.

Educar um olhar positivo é bem mais do que ver tudo cor-de-rosa ou andar à procura do lado bom de todas as coisas! Já não era mau se o fizéssemos. Mas educar-se para a positividade é sobretudo saber que de tudo (até do pecado) se pode tirar sempre um bem maior e interiorizar a disciplina de se propor constantemente atitudes construtivas, de tirar proveito de humanização e humanismo em tudo o que acontece e não perder a intenção reta, diária, de procurar o bem maior e de fazer o melhor que está nas nossas mãos.

∞ 2 jan.

Será que o lado bom da vida existe? Com tanto sofrimento, tantas vezes repetido, e sem se ver saída (questões afetivas, conflitos, doenças, problemas económicos, desemprego crescente, mentiras, adiamento da justiça!), esse lado bom está tão encoberto que é fácil concluir: é engano, não existe! E como acompanhar e ajudar quem se vê desenganado? Poder ter alguém solidário seria, talvez, um lado bom que ainda resta. No fundo, o que existe é a possibilidade de tirar partido de tudo, crescer mesmo com o pior. Mas essa força e essa sabedoria são uma graça. Aprende-se de pequeno e pode desaparecer quando se é abandonado.

∞ 3 jan.

Alegria significa ânimo, atitude positiva face à vida e aos outros. Por isso é que o contrário da alegria não é a tristeza, mas o pessimismo, a negatividade, o ver tudo mal! Por vezes há razões para estar triste com tanta dor e tanta miséria, mas pode continuar-se, ao mesmo tempo, alegre, com ânimo de construir!

∞ 4 jan.

A esperança vem de ser autêntico, de não me deixar dominar por ansiedades, de estar convencido de que o meu papel neste mundo é criar futuro para mim e para os outros, porque a esperança é tornarmo-nos criadores de futuro. É claro que há sombras densas diante de nós e existem muitas razões para esta sociedade depressiva, mas isso não nos pode dominar e vencer. Olhas para o céu a ver se cai? Ou acreditas em fazer algo de bom, mesmo quando não se vê nada? Então és uma pessoa de esperança.

∞ 5 jan.

O maior roubo que se pode fazer a alguém é tirar-lhe a esperança. Cuidado! Este tempo de competição e consumismo, do culto das aparências, é muito propício a comparações, é fácil alguém sentir-se marginalizado, sem sentido nem futuro. E neste caso quem roubou a esperança foi a mentira, a ilusão de que se é feliz com o ter, com o ganhar, com o êxito. Essa é mesmo publicidade enganosa!

∞ 6 jan.

Que a viagem corra bem! Que desejo é este? Que não haja problemas ou que se resolva bem os problemas que houver? Um casal vai de viagem a toda a velocidade, arriscando-se a tudo, discutindo. Chegam ao destino a tempo, mas zangados. Correu bem? Outro casal chegou atrasado, teve um furo, mas isso levou os seus membros a partilhar, a conversar e a desfazer a distância que se andava a criar entre eles. Só esta última viagem correu bem! Porque é que eu digo bem ou mal? Mal é o que estraga a relação, oprime, marginaliza. O pior é que isso, muitas vezes, até dá dinheiro. Então, corre mesmo mal!...

∞ 7 jan.

Habituíamo-nos a confundir a alegria com o divertimento ou com o viver levezinho. Ora a alegria cristã até é compatível com a dor e o sofrimento. «Abram os olhos, porque a alegria está aí, onde não contais com ela!» Mas se cada um anda à procura do comodismo, da instalação, do divertimento, escapa-lhe a alegria verdadeira. Às vezes, é preciso fazer cara feia para dizer: «Abram os olhos, vejam onde é que realmente está aquilo que vos pode fazer felizes!».

∞ 8 jan.

Nós pensamos que a alegria é como um bónus que cai do céu, quando na realidade a alegria é um dever, nem sequer é um direito. Temos o dever de a procurar numa vida com sentido e serviço, certamente no meio de muitas dores e conflitos. Porque a questão não está numa vida fácil ou sem problemas, a alegria não é isso. A alegria está em servir e em viver de uma maneira construtiva, mesmo a dor e o sofrimento. Não perder o sentido e manter o ânimo.

∞ 9 jan.

O estar divertido pode ser até vivido por pessoas tristíssimas, que vão tomar uns copos para esquecer, contam umas anedotas, riem muito, mas são uns tristes... Porque futuro, convicção de que vale a pena viver, gosto de comunicar aos outros o bem, isso passa-lhes completamente ao lado. Ora, a alegria é o ânimo, a força interior de construir futuro! Alegria vem precisamente de uma palavra latina, *alacre*, que significa estar vivo, estar animado.

∞ 10 jan.

Ficamos muitas vezes *sur-presos*, isto é, agarrados inesperadamente, presos por cima! O inesperado apanha-me desprevenido. E é bom! É sinal de que há muita coisa nova e desconhecida e é sinal de que não estou fechado e cego para a novidade. É no mínimo urgente deixar de imaginar um Deus velho e usado, sem graça, um Deus feito por nós, à nossa medida. Mas nós é que somos à sua imagem! Ele é um Deus sempre surpreendente, que nos apanha sempre por cima, com uma novidade, uma alternativa, que nos revela caminhos inimagináveis. Se abrimos os olhos e os ouvidos do coração, Ele aparece sempre com mais uma surpresa para nos dar. E é contemplando-o que podemos vislumbrar, afinal, quem somos.

∞ 11 jan.

O ponto de partida da alegria é a autoestima. Quando a pessoa se sente apreciada e profundamente amada, isso dá-lhe autoestima. Essa é uma fonte de que brota a alegria. E não me sinto amado porque sou perfeitoinho, sinto-me amado porque alguém me fez experimentar que diante dele, sem condições, eu valho, mesmo que tenha um olho torto, um mau currículo ou uma doença terrível!

∞ 12 jan.

Quando desejamos felicidade a alguém, em que é que estamos a pensar? Felicidade será uma espécie de sorte grande que pode calhar a alguns? A felicidade não cai do céu, é um modo de vida. Feliz vem de *felix*, que quer dizer fecundo, produtivo. Felicidade é um compromisso, viver com sentido, produzindo justiça e paz. É feliz aquele que sai de si próprio, que vence o egoísmo em si, que se vira para fora.

∞ 13 jan.

A boa maneira de superar um defeito é desenvolver a virtude contrária. A natureza e a biologia assim o ensinam, por exemplo, na cegueira muito se supera por desenvolver o tato e o ouvido. Também no campo psicológico e moral esta é uma boa estratégia. A pessoa que quer corrigir o mal do azedume ou da crítica destrutiva, o melhor é tentar ver o lado bom de cada coisa e treinar-se a dizer bem. Isto não é deixar de ver o mal ou fazer de conta, é ver o conjunto e encontrar portas de saída.

∞ 14 jan.

A alegria de quem espera um encontro, um amigo, ou a alegria de quem realiza uma obra boa, um serviço, é tão diferente da alegria da sorte na lotaria ou da vitória no jogo quando esta é mais a derrota do outro. Há várias alegrias, as eufóricas, superficiais, um pouco histéricas, as egocêntricas com o próprio sucesso e as da experiência do crescimento e da realização interior. Só estas são verdadeira alegria. Esta alegria tem-se mesmo na dor, porque sabe entender o sofrimento como o preço de um bem maior, com o qual todos ganham. Em cada alegria devo perguntar: esta afasta-me ou aproxima-me?

Índice

<i>Manual de instruções</i> ∞	7
Nuno Tovar de Lemos, sj	
<i>Pensar e fazer pensar...</i> ∞	11
Vasco Pinto de Magalhães, sj	
I	
<i>Educar o olhar</i> ∞	15
II	
<i>Pensar a vida e viver uma vida bem pensada</i> ∞	29
III	
<i>Distraídos do fundamental</i> ∞	45
IV	
<i>O homem que se queria encontrar com a liberdade</i> ∞	65
V	
<i>Perdoar é doar uma nova oportunidade</i> ∞	81
VI	
<i>Não sofrer ou sofrer com sentido</i> ∞	93
VII	
<i>O caracol só anda quando sai da casca</i> ∞	107
VIII	
<i>Fortaleza, precisa-se!</i> ∞	119
IX	
<i>Ficam fechados no que lhes convém</i> ∞	129
X	
<i>Inclinados para o outro</i> ∞	143
XI	
<i>Ver já o que ainda não é</i> ∞	157
XII	
<i>Um lugar à mesa do banquete</i> ∞	169